

André Ferreira Bezerra

Universidade de São Paulo



Mestrando no programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Membro do Grupos de Pesquisa Mitopoética da Cidade e do Lapsi/IPUSP. Possui Especialização em Semiótica Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

CV: <http://lattes.cnpq.br/8745715491580680>

E-MAIL: bezerra.afb@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2274-5463>

O lugar do sujeito na lógica do discurso capitalista

RESUMO: O artigo que aqui se apresenta propõe uma análise lacaniana do lugar do sujeito capitalista. Para tal, será feita uma comparação de dois lugares essencialmente diferentes, tomando como contraste a relação que se estabelece no interior de uma análise. Nesta construção a reflexão inicial se encontra no seminário sobre a transferência (seminário VIII, 1960-1961), no qual o psicanalista francês problematiza a questão do lugar do analista e do analisando na clínica, o que futuramente será de grande importância na formulação de seus quatro discursos que dão forma aos vínculos sociais. No que diz respeito ao lugar do sujeito capitalista, a discussão se estabelecerá a partir do conceito de gadget, que, ao se considerar a parte mais

crítica da obra lacaniana, se mostrará fundamental para compreensão mais detalhada do discurso capitalista. Assim, a partir da distinção entre esses dois lugares, pretende-se mostrar a disparidade entre ambos para refletir as consequências disto na posição do sujeito contemporâneo para com o seu desejo.

PALAVRAS-CHAVE: PSICANÁLISE, DISCURSO CAPITALISTA, MAIS-DE-GOZAR, GADGET.

The place of the subject in the logic of capitalist speech

ABSTRACT: This article proposes a Lacanian analysis of the place of the capitalist subject. For this, a comparison of two essentially different places will be made, taking as contrast the relation established within a psychoanalytic analysis. In this construction the initial reflection is found in the seminar on transference (seminar VIII, 1960-1961), in which the French psychoanalyst problematizes the question of the place of the analyst and the analysand in the clinic, which in the future will be of great importance in the formulation of his four discourses that shape social bonds. With regard to the place of the capitalist subject, the discussion will be based on the concept of gadget, which, considering the most critical part of the Lacanian work, will

prove to be fundamental for a more detailed understanding of the capitalist discourse. Thus, from the distinction between these two places, this study intends to show the disparity between both to reflect the consequences of this to the contemporary subject in its relationship with its desire.

KEYWORDS: PSYCHOANALYSIS, CAPITALIST DISCOURSE, SURPLUS-JOUISSANCE, GADGET.

O lugar do sujeito na lógica do discurso capitalista

André Ferreira Bezerra
(Universidade de São Paulo)

A IDEIA DE LUGAR NA OBRA LACANIANA

A ideia de lugar na obra de Lacan tem aparições múltiplas, o autor utiliza este significante em diversos momentos ao longo de seus desenvolvimentos teóricos ao ponto de que, pensar tal ideia, é algo muito familiar para aqueles que se interessam pela psicanálise praticada pelo francês. No entanto, o significado atribuído está longe de uma compreensão aproximada ao entendimento da Geografia, que tende a valorizar, principalmente, uma localização relacionada à um ambiente exterior em particular. Em seus seminários e escritos a ideia de lugar aparece associada, em grande parte das vezes, aos diversos esquemas gráficos e topológicos utilizados para esclarecer a psicanálise de um ponto de vista de um inconsciente estruturado como linguagem. A ideia de lugar é utilizada como um artifício para dizer de um entendimento de sujeito que se constrói a partir de arranjos diversos, das relações entre instâncias psíquicas, da posição do sujeito para com seu desejo.

in: Ethos humano e mundo contemporâneo. Diálogos e estudos.

Pode-se, por exemplo, falar da ideia de lugar a partir dos registros Real, Simbólico e Imaginário, tal associação levaria provavelmente a prática, muito comum entre os lacanianos, de localizar metaforicamente conceitos no interior de um ou mais registros. Pode-se também pensar a ideia a partir de uma estrutura específica, do esquema R, do esquema L, do grafo do desejo. Mas, de maneira mais direta, pensar na ideia de lugar juntamente a teoria lacaniana talvez tenha uma relação mais explícita na relação entre o sujeito e o seu discurso, na qual, a fala é entendida sempre como vinda de algum lugar. Está última ideia pode ser observada na citação abaixo de 1971, um ano após Lacan formular sua teoria sobre os quatro discursos:

Estou, será que estou presente quando falo com vocês? Seria preciso que a coisa a propósito da qual eu me dirijo a vocês estivesse aqui. Ora, basta dizer que a coisa só pode escrever-se como a *acoisa*, como acabo de escreve-la no quadro, o que significa que ela está ausente ali onde ocupa seu lugar. Ou, mais exatamente, que, uma vez tirado, o objeto pequeno a que ocupa esse lugar só deixa nele, nesse lugar, o ato sexual tal como eu o acentuo, ou seja, a castração. (LACAN, 2009) [p. 71].

Para estar em determinado lugar, então, é preciso que *acoisa* com a qual o sujeito fala, seu objeto de desejo, esteja articulado de alguma maneira com os semelhantes presentes em um ambiente qualquer. *Acoisa*, como Lacan coloca, com este *a* que antecede a palavra, remete ao objeto *a*, ao vazio inerente, ao desejo que constitui o sujeito. O lugar onde o sujeito fala, com isso, é o lugar desta *acoisa*. É sob este raciocínio que se pretende refletir a ideia de lugar neste artigo, mais especificamente o lugar do sujeito capitalista. No entanto, se

considerarmos o capitalismo como uma imposição simbólica, se faz necessário, antes de entrar nesta lógica específica, esclarecer o lugar do sujeito dando atenção a sua estrutura. Por isso, primeiro será apresentado uma explanação a respeito de como a análise trabalha numa orientação que busca evidenciar na fala do analisando *acoisa* da qual este se referencia. Uma vez explicado este percurso, será mais fácil refletir o lugar do sujeito capitalista de um ponto de vista mais crítico, já que o leitor terá também a noção de como tal posição se diverge da orientação da análise.

O LUGAR DO SUJEITO NA ANÁLISE

Se levarmos em conta que a fala é sempre dirigida a alguém, *Acoisa* mencionada na introdução deste artigo, pode ser aproximada com a ideia de grande Outro. Até a década de 1960, a troca subjetiva era compreendida numa relação que considerava uma imagem especular do semelhante e, simultaneamente, o Outro como lugar onde o sujeito articula seu discurso, onde recebe sua própria mensagem de maneira invertida (LACAN, 1998) [p. 299]. Tal ideia pode ser observada de maneira mais clara no esquema L. Nesta topologia, considera-se uma noção de alteridade como o elemento articulador da fala do sujeito, uma instância que organiza a percepção. Nas palavras de Lacan:

Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem é feita para remetermos de volta ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo o que quisermos, inclusive pensar que é um objeto, ou seja, que ele não sabe o que diz. Quando fazemos uso da linguagem, nossa relação com o outro funciona o tempo todo nesta ambiguidade. Em Outros termos,

a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo. E é justamente disso que se trata a experiência analítica. (LACAN, 1985) [p. 308]

Se o Outro é o lugar onde a fala se fundamenta, percebe-se a importância dele para os processos identificatórios e, conseqüentemente, para determinação do lugar da fala do sujeito. Porém, ao mesmo tempo em que a linguagem é constituinte, ela também formaliza a castração pela inserção no simbólico. Percebe-se aqui que a noção abrange de maneira transversal diversas outras questões. O Outro, além do que foi apresentado acima, possui interpretações que ampliam o conceito para aproximá-lo ao próprio inconsciente, ao sexo e, inclusive, à uma orientação clínica. Tal extensão do conceito se dá a partir do seminário VIII, no qual a ideia de transferência, ou seja, a própria intersubjetividade, que determina tanto a constituição quanto o lugar de fala do sujeito, é abordada de maneira específica. Nesta aula, Lacan atenta para a troca transferencial que ocorre no processo analítico e como o desejo do analista está inserido neste contexto. Para que a análise ocorra, com isso, é necessário considerar um “sujeito do suposto saber”, um lugar vago ao desejo do paciente para que este se realize como desejo do Outro. (LACAN, 1992) [p. 109]. Em tal relação na qual o sujeito diz direto ao Outro, se estabelece uma relação transferencial que coloca em questão a própria troca subjetiva, ou seja, coloca em questão também o lugar de onde o sujeito fala. O desejo do analista deve dar lugar ao sujeito do suposto saber que, ao ser considerado pelo paciente, substitui uma relação entre semelhantes por outra que atenta para interferências orientadas na negatividade do desejo. Cabe aqui evidenciar a importância desta orientação em direção ao desejo do Outro. Tal colocação teórica implica uma desvalorização do sentido para

evidenciar a estrutura significante. Posteriormente, no seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Lacan coloca:

[...] *é na medida em que o desejo do analista, que resta um x, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência, [ou seja, pela distinção do sujeito (\$ em relação ao objeto a)].* (LACAN, 1993) [p. 259]

Ao mencionar a utilidade da noção de Outro na clínica, já se entende em grande parte sua função constitutiva no lugar da fala do sujeito. Mas, para deixar ainda mais claro, vale lembrar que logo antes dessa ressignificação do papel da transferência na clínica, Lacan havia se dirigido a questão de maneira mais direta na colocação amplamente conhecida: “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, J. Seminário VIII. 1992. p.833). Ele atenta com isso para o caráter vazio do sujeito em termos linguísticos, este nada mais é que o lugar onde se direciona os predicados, nada mais é que o próprio significado o qual, dentro desta lógica, é reduzido a cadeia de significantes representada pelo Outro.

Percebe-se, então, que para sustentar o processo analítico, o psicanalista deve assumir uma posição claramente determinada pela teoria. Pois somente nesta posição a transferência estabelecida na análise pode assumir o papel de interpelar o desejo do analisando. Tal posição, porém, não é o único fator que se coloca em jogo no interior de uma análise, cabe ainda pontuar como a posição do sujeito do suposto saber se relaciona com a ideia de ato analítico. Para tal, o psicanalista francês desenvolve também um seminário exclusivo para a questão (seminário XV de 1967-1968), no

qual apresenta o ato no centro da ação, a pura evidência que pode ser encontrada na inscrição do Outro, algo que está inconscientemente estipulado antes da ação e que se manifesta no processo analítico. Para Lacan “um ato é ligado à determinação do começo, e muito especialmente, ali onde há a necessidade de fazer um, precisamente porque não existe” (LACAN, 2008) [p. 78]. No ato, o sujeito reinstaura um começo lógico que representa uma pura evidência daquilo que o constitui, fato este que permite uma ressignificação orientada para a negatividade do desejo, do significante, que se direciona ao objeto a.

O sujeito então se constitui na sua relação com o Outro, na qual o seu desejo puro, o objeto a, se inscreve sobre a forma de um significante. Tal processo orienta os seguidores de Lacan para uma clínica do desejo como falta, do processo analítico como uma de-suposição de saber. Uma análise orientada para aquilo que não é considerado, para o real. Tal orientação, tem a ver com o fim da análise e conseqüentemente com a passagem do analisando à analista a partir de um des-ser, da negatividade de seu próprio desejo. Para Lacan:

Nesse des-ser revela-se o inessencial (sic) do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao *αγαλμα* (agalma) da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer. (LACAN, 2003) [p. 259]

Portanto, o fim de análise implica na redução do nome próprio a um significante qualquer. Dito de outra maneira, o final de análise pode ser compreendido através do entendimento do lugar de fala como uma posição de um significante qualquer. Significante este que, mais uma vez, representa o sujeito para outro significante.

Percebe-se assim, a amarra linguística do inconsciente da qual Lacan faz questão de evidenciar sempre que pode. Colocado estes esclarecimentos, este artigo pode então ir em direção a problematização proposta.

O GADGET E O LUGAR CAPITALISTA

Após apresentado as estruturas que regem a análise do ponto de vista da psicanálise lacaniana, quer-se agora fazer uma contraposição dessa experiência no que pode ser observado no cenário capitalista. Para tal utilizaremos dois desenvolvimentos: o discurso capitalista, e o conceito de gadget. É válido lembrar, no entanto, que Lacan, propõe estes conceitos não como uma mudança ou alteração daquilo que já havia proposto, mas sim como uma atualização pela qual a mesma falta inerente ao sujeito se reencena. O gadget, portanto, se apresentará como um sintoma atual, enquanto o discurso capitalista se mostrará como uma articulação contemporânea do vínculo social.

Talvez seja possível introduzir ambos os conceitos simultaneamente numa análise da afirmação de Lacan em 1974 de que o automóvel pode ser entendido no cenário capitalista como uma falsa mulher. Da maneira com a qual o autor coloca, ao se ter o carro como tal, tenta-se fazer “questão absoluta de que isso seja um falo” (LACAN, 1980) [p. 159]. A ideia de falo, que nada tem a ver com o pênis masculino, senão com a ideia de que este poderia representar algum tipo de potência, aponta para o caráter significante, este que, como já discutido anteriormente, diz da falta de um objeto. Esta comparação, portanto, mostra sobre outra perspectiva, que o desejo do sujeito, do falo, é o desejo de Outra coisa. Ou seja, ao se considerar o automóvel como uma falsa mulher, tenta-se colocá-lo

na posição fálica, de um significante que, na dialética do desejo, busca dar corpo ao gozo. Neste sentido o autor reafirma suas conceituações referentes ao desejo de maneira a dar outro olhar para seu aforismo “não existe relação sexual”, que aparece diversas vezes no decorrer de sua obra.

Há, com isso, para Lacan, uma subversão a partir de um deslocamento da função tecnológica, na qual esta deixa de ser função para se tornar objeto de desejo. Para Lacan, quando a ciência, e conseqüentemente a tecnologia, é reduzida a um papel semelhante ao do objeto fálico, uma posição para além de uma utilidade específica, o objeto em questão se transforma naquilo que denominou de *gadget*:

Por um lado, esse discurso engendrou todo tipo de instrumento que precisamos, do ponto de vista que aqui se trata, qualificar de gadgets. Desde então, vocês são, infinitamente muito mais do que pensam, os sujeitos dos instrumentos que, do microscópio ao radio-televisão, se tornam elementos da existência de vocês. Vocês nem podem atualmente medir o vulto disso, mas isso não faz menos parte do que eu chamo o discurso científico, na medida em que um discurso e aquilo que determina uma forma de liame social. (LACAN, 1982) [p. 110]

O gadget é o objeto tecnológico colocado em uma posição para além de sua função, uma posição fetichizada. Lugar no qual a tecnologia perde parte de sua potencialidade virtual para ser transformada em Outra coisa, em objeto de desejo, em uma forma de excesso, em uma forma de gozo *prêt-à-porte*. A partir dele, os sujeitos que se colocarem sob esta lógica se movimentarão na direção daquilo que fazem questão que seja falado numa tentativa de driblar a castração.

Percebe-se no gadget uma utilidade Outra das engenhocas, algo que se liga ao sujeito na medida em que este não tem como fugir da estrutura linguística que amarra o desejo a um significante. Posteriormente, o lugar que hoje é tomado pelo gadget, poderá ser substituído qualquer outro produto que tentará se passar por falo. Independentemente disso, a orientação do desejo pelo gadget é o que se observa na experiência contemporânea. Ou seja, o gadget, é também uma outra forma de dizer do desejo de algo material que se observa na essência do capitalismo.

Posto isso tem-se o gadget como o objeto que está em jogo no cenário aqui em questão, mas só ele não seria suficiente para que o sujeito o comprasse para si. Pode-se dizer que para efetivá-lo enquanto falo, o gadget precisa de uma racionalização própria que sustente esta forma de gozo e, é justamente aí que se observa o discurso capitalista. Uma derivação dos quatro discursos apresentados no seminário XVII (1969-1970), na qual Lacan estabelece uma estrutura derivante de algumas posições que se distribuem a partir do lugar em que o sujeito assume. Na estrutura do discurso tem-se um *agente* que sustenta sua fala através de uma *verdade* e que, ao dirigir-se ao *outro*, forma uma *produção*, um resto, decorrente daquilo que manifesta. É válido pontuar que a verdade não pode ser inteiramente dita e é acessível somente através do “semi-dito”, justamente por isso que na figura (figura 1) apresentada é possível observar as barras (//) que marcam a interdição entre a produção e a verdade; todas as articulações possíveis se estabelecem a partir dela, assim como se mostra na imagem a seguir:

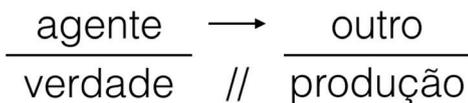


Figura 1 – estrutura dos discursos

O discurso do capitalista, no entanto, não foi formulado junto aos demais. Lacan leva um tempo para cunhar e dar atenção para o termo em específico e somente em 12 de maio de 1972 (LACAN, 1978), é que este discurso é tratado como um conceito propriamente dito. O psicanalista o apresenta como o discurso que determina a civilização e que se constrói a partir do momento em que o objeto mais-de-gozar¹ (aquele que se obtém como produto de um discurso) tenta se passar por objeto *a*. Em outras palavras, os objetos materiais das produções científicas, ao serem tomados como objeto de desejo, ao virarem gadget, determinam uma lógica material e quantitativa para o objeto mais-de-gozar. Para Lacan, é no encontro do discurso universitário (científico) com a necessidade capitalista de se objetivar a ciência que o discurso do capitalista se funda. “Não se esperou, para ver isso, que o discurso do mestre tivesse se desenvolvido plenamente para mostrar sua chave no discurso do capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência” (LACAN, 1992) [p. 103]

Dos quatro discursos originais, do mestre, do universitário, do analista e da histórica, Lacan pensa um deslocamento a partir do primeiro. No discurso do mestre, assim como nos demais discursos o agente dirige-se diretamente ao outro, escondendo sua castração (verdade) para gerar um gozo (produção). Desta maneira, se considerados os termos do discurso do mestre, o agente se dirige ao outro através de um significante mestre (S₁) que, por sua vez, o assimila como significante do saber (S₂). Nesta relação o que se produz é o pequeno *a* como causa de desejo, mas a verdade interdita é que o agente fala de um lugar

¹ Vale ressaltar que o conceito de mais-de-gozar é construído por Lacan em homologia ao conceito de mais-valia de Karl Marx. Tal construção pode ser observada de forma mais detalhada na primeira lição do seminário XVI de 1968-69.

castrado marcado pela barra (\$). No discurso do capitalista há uma inversão do agente e da verdade da maneira que Lacan coloca no discurso do mestre. Há uma inversão do lugar do agente e da verdade de maneira que S1 se mostra como a verdade interdita. Tal inversão do discurso do mestre pode ser observada no esquema a seguir:

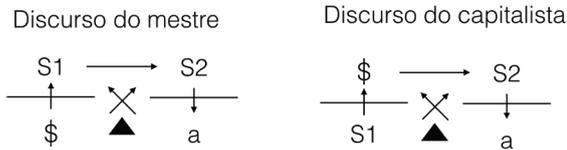


Figura 2 – discurso do mestre e discurso do capitalista

O lugar da verdade ao ser assumido por S1, a mensagem do capitalista, implica numa intensificação produtiva que se desenvolve num modo de gozo quantitativo e contábil que, sob uma análise específica da produção capitalista, poderia ser também o lugar do gadget. Uma materialização, portanto, da posição de mais-gozar. Percebe-se, no interior desse discurso uma lógica que intensifica a natureza quantificável do gozo, o que para a racionalidade econômica capitalista, funciona de maneira muito vantajosa. É na relação entre a estrutura do sujeito com o que se observa na civilização contemporânea, que Lacan formula o discurso do capitalismo. Através disso, de uma dinâmica que empurra o gozo à uma constante intensificação, Lacan parece sustentar uma análise social crítica que fala de um deslocamento da experiência do sujeito para uma colonização do gozo.

CONCLUSÃO

Considerando o gadget como uma forma assumida pelo dispositivo de mais-gozar capitalista e considerando ainda a formação subjetiva do sujeito como a formação também de um lugar de fala, é possível estabelecer uma crítica psicanalítica a partir da oposição entre as posições apresentadas. A estrutura capitalista talvez seja a principal variável nessa reflexão, pois sua lógica aprisiona não só o sujeito o inscrevendo sob uma dinâmica que coloca a intensificação do prazer como a única forma de gozo possível, como também a tecnologia que nesse contexto limita sua característica funcional e virtual ao se tornar gadget.

Em realidade, o gadget é consequência de uma subversão da experiência da tecnologia no sujeito capitalista. Perde-se a característica virtual ao limitar o funcionamento a uma utilidade produtiva na qual a única possibilidade de gozo se encontra no excesso, na constante mercadológica do gadget. Como vimos, a experiência analítica orienta-se por uma de-suposição de saber que culmina na liquidação da transferência. Tal experiência é observada de forma dispare sob a lógica neoliberal capitalista na qual o progresso, a produção e o utilitarismo dirigem-se sempre a uma intensificação infinita. No capitalismo a produção se direciona para uma perpetuação da experiência de um gozo quantitativo e contábil, enquanto que na experiência analítica a produção deve visar a morte do sujeito do suposto saber. Enquanto no discurso do capitalista o gadget tenta incorporar o objeto a, o percurso analítico se volta para a falta significante. São experiências que podem ser tomadas como divergentes na raiz, enquanto uma visa a perpetuação da significação através do gadget, outra se volta para o impossível, para o real, para o lugar de fala como lugar de *acoisa*. Dessa forma, o que

se observa no discurso capitalista é um lugar que coloca o sujeito em um modo subjetivo específico que estabelece uma dinâmica de gozo orientada a partir do gadget, colocando assim o sujeito num lugar de impotência para com sua capacidade de satisfação, numa estrutura de eterna busca pela intensificação de prazer, enquanto o caminho da análise, se encontra exatamente na contramão.

REFERÊNCIAS

- LACAN, J. (1978). Du discours psychanalytique: Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue. In: Lacan in Italia 1953-1978 (p. 32-55). Milan: La Salamandra.
- LACAN, J. (1980). La terceira. Actas de la Escuela Freudiana de Paris. Barcelona: Ediciones Petrel.
- LACAN, J. (1982). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1985). O Seminário III: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1992). O Seminário VIII: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1992). Seminário XVII - o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- LACAN, J. (1993). O Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1993). Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escrito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1998). A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar..
- LACAN, J. (2003) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2008) O Seminário XV: o ato psicanalítico. s.d., versão anônima.
- LACAN, J. (2009). O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Capítulo 23

O lugar do sujeito na lógica do discurso capitalista
André Ferreira Bezerra

